

## **Site OHS – Depoimentos Históricos**

### **Transcrição da entrevista completa**

**Projeto:** História do Câncer - Câncer, atores e políticas

**Data:** 15 de abril de 2011

**Depoente:** Mario Jaconiani (Mario)

**Entrevistadores:** Letícia Pumar (Letícia), Luiz Antonio Teixeira (Luiz Antonio), Paula Habib (Paula) e Marco Porto (Marco)

**Duração:** 51 min

### **Como citar:**

DEPOIMENTO de Mario Jaconiani. **Site do Observatório História e Saúde – COC/Fiocruz.**

Depoimentos - História do Câncer. s/l, 15/04/2011. Disponível em:

<<http://ohs.coc.fiocruz.br/biblioteca/depoimentos-historicos-historia-do-cancer/>>. Acesso:  
**dia de mês de ano.**

# Transcrição da entrevista completa

**Paula:** Vou começar a gravar aqui uma entrevista com...

**Marco:** O senhor vai dizer.

**Mario:** Não. Aí é difícil dizer, né.

**Marco:** A gente vai lhe ajudar.

**Mario:** Isso. Vai ajudando, por que...

**Paula:** Tem umas perguntinhas prontas aqui.

**Mario:** O principal é saber o que vocês querem, né. Onde está o objetivo da coisa.

**Marco:** Claro. Claro.

**Paula:** Claro.

**Mario:** Por que o tempo... o tempo começa apagar muita coisa. A memória vai para o espaço. Então eu não tenho detalhes. Eu tenho épocas, entendeu? Movimentos que aconteceram. Por que quê aconteceu esses movimentos? Nem sei porque aconteceu.

**(Risadas)**

Não é serio. A gente não sabe muito. De repente a Sociedade Brasileira de Citologia resolveu fazer conversas sobre isso. Me chamaram, eu disse: olha, na base de medico não adianta porque se você for fazer diagnostico de citologia pra o medico, você vai precisar de 100.000 médicos, sei lá.... não é aqui não, né? É lá, né?

**Paula:** É.

**Mario:** Se vai precisar de uma quantidade enorme de médicos especialistas ?????, e você não vai conseguir. Então tem que haver outro meio né. Um meio foi o técnico, o biólogo, o citotécnico, etc. Então, tinha que tocar isso pra frente. E eu fui um dos camaradas que começou realmente a formalizar o curso de técnico. Incentivar isso. Explicando por quê, né.

**Marco: Quando isso, Dr. Mario, mais ou menos?**

**Mario:** Peraí, agora você me pega! Eu não sei. Foi a muito tempo já. Foi na época que começou ainda quando eu estava nas Pioneiras ainda. Que era o hospital 1, né.

**Marco: 3. Agora é o 3.**

**Mario:** 3, que era as pioneiras. Essa é a época ainda do Campos da Paes, do ???, entendeu? Ainda fui dessa época.... que começou.

**Letícia: Você participou da escola?**

**Mario:** Hem?

**Letícia: Você participou da escola do Campos da Paes? Escola de citopatologia? Só das Pioneiras?**

**Mario:** História do Campos da Paes qual?

**Marco: Não. É escola. É escola de formação.**

**Mario:** Mas, Campos da Paes não fez escola nenhuma. Ele não fez nada. Ele era só gogo. Aliás, ele era muito bom de gogo.

**(Risadas)**

**Luiz Antonio: Doutor...**

**Mario:** Ele era ótimo.

**Luiz Antonio: Doutor, vamos retornar um pouco mais no início da sua história. A Paula vai falar. Ela está preocupada em saber a sua formação? O senhor é médico? Formou-se aqui no Rio?**

**Mario:** Aqui no Rio mesmo. E, olha, você vai ter uma surpresa. 1950... imagina só ???

**Paula: Na Faculdade do Brasil.**

**Luiz Antonio: Na Faculdade de Brasil.**

**Mario:** Hem?

**Luiz Antonio: Na Faculdade do Brasil?**

**Mario:** É sim. Na Nemaniana. Na antiga Nemaniana. Hoje acho... foi escola de Medicina e Cirurgia. Agora não sei com quem está associado esse negocio.

**Marco: Acho que é a Unirio.**

**Mario:** Muda... Unirio... muda, uni...

**Paula: E aí depois que o senhor se formou o senhor se especializou em que? Em que... clínica?**

**Mario:** Não. No principio quando a gente se forma é cheio de ilusão, né. Mas, com a humanidade e etc. Eu trabalhei durante 12 anos... mais de 12 anos no Hospital Paulino Werneck no pronto socorro, na Ilha do Governador. E lá eu aprendi muito por que eu lidava com o povo, quer dizer com acidente, com essa coisa toda, né, o trágico da medicina que sempre dá aqui no pronto socorro. E aí eu aprendi muito durante 12 anos que eu trabalhei lá. Aí veio a história das Pioneiras. Comecei a trabalhar nas pioneiras já voltado pra parte laboratorial, vamos dizer assim, né.

**Marco: Nas Pioneiras o senhor não atuava como clínico?**

**Mario:** Não. Na parte de citologia mesmo no laboratório de lá.

**Paula: E como foi esse interesse pela citologia? Como é que o senhor foi para as Pioneiras Sociais?**

**Mario:** Não. Eu fui para as pioneiras sociais em função de conhecimento, de... foi Paulo Barata Ribeiro... que é dessa rua aí... esse nome é famoso. É Paulo Barata Ribeiro, foi um grande ginecologista. Foi diretor lá que me levou. Queria que eu fizesse parte da... do laboratório lá.

**Marco: Mais assim, profissionalmente, como é que o senhor saiu da clinica e foi para o laboratório, para a citologia?**

**Mario:** Foi por esse caminho, quer dizer, eu saí... saí da... não fiz clinica, vamos dizer assim. Não construir, não produzir um laboratório pra mim pessoal, particular não. Sempre trabalhei em função do governo. Sempre.

**Marco: Em saúde pública, né?**

**Mario:** Sempre saúde pública. Desde essa época que eu... eu faço isso. Já agora... a alguns anos... alguns é pouco, mais de 50.

**Paula: Tem um decreto de junho de 1975... que o senhor falou que sempre trabalhou em saúde pública, né, é... o decreto de 1975 expedido pelo Floriano Faria Lima, na qual a sua especialidade muda de clinica medica para saúde pública. O senhor lembra disso? Sabe porque quê foi...**

**Mario:** Floriano... Floriano de quê?

**Marco:** Não. Não. É do... é do Governador. Faria Lima.

**Mario:** Ah.

**Marco:** Governador.

**Paula:** E aí mudou a especialidade do senhor de clinica medica pra saúde pública. Isso esteve relacionado a citotecnologia? Ou a alguma outra coisa? O senhor se lembra disso?

**Mario:** Não. Não me lembro não. Por que essas passagens vêm sempre carregada, né. Você nunca pertence a uma determinada coisa. Você é levado pela... pela onde... e é assim que eu sempre brinco com as história do banco Banerj. Era da prefeitura, trabalhava na prefeitura, era lá do pólo biomédico, e de repente vem um decreto, como você diz, e o banco é vendido. Mas não pergunta pra você se você que ou não. É gado né, pegou no campo, carrega. E assim você é na saúde pública também. Você é carregado também. Necessariamente tinha grandes amigos, conhecidos que trabalharam comigo etc, e sempre a gente fez um contato muito bom nessa área e tocou bem a história. A coisa foi bem. Tanto que hoje em dia aquele... departamento do INCA, que está muito bem organizado.

**Marco:** ???

**Mario:** Eu trabalhei lá durante 2 anos e meio com o setor de engenharia, por isso que te via sempre lá. Ia 3 vezes por semana ia lá. Para discutir com os dois engenheiros responsáveis pra fazer aquele... aquele CITEC... PITEC na época. Hoje em dia é um departamento da Polícia Federal.

**Marco:** Vamos retomar. O senhor então trabalhou no Paulino Werneck e se transferiu para as Pioneiras. Foi isso? Não?

**Mario:** Não. Não. Trabalhava paralelo.

**Marco:** Ah, sim. O senhor começou...

**Mario:** Um eu dava plantão toda quinta-feira...

**Marco:** Acumulou, né. Aí começou a trabalhar com as Pioneiras. Como é que foi essa trajetória das Pioneiras?

**Mario:** Trajetória em que sentido?

**Marco: A sua. O seu trabalho lá. Como fluiu?**

**Mario:** Fluiu muito bem. Funcionou bem. Estabilizou-se bem. O programa de treinamento de pessoal, dos citotécnicos também foi iniciado nessa época. E eu fui até... na época fui bastante criticado pelos colegas. Por que eu estava ameaçando a clinica deles com citotécnico. Citotécnico tira o lugar do medico... técnico de laboratório... em tão é aquele negocio. Então, fui muito criticado. Tive que trazer o pessoal... a razão de era melhor você ter gente que trabalhe bem... faça pra você... então eu vou usando a sua... da sua especialidade e não o decréscimo dela. Então a coisa fluiu bem, que dizer, nas Pioneiras eu consegui... eu não me lembro bem... ainda... não sei o nome... não me lembro o nome dele... um rapaz que era do Pedro II... um professor do Pedro II que me pediu vaga nesse curso, então veio um bando de garotos do Pedro II lá para as Pioneiras pra fazer... então você começa a mostrar muita foto, começa a mostrar célula, enfim, se vai levando o pessoal. Foi bastante proveitoso. E um deles... um medico, e agora eu não me lembro o nome dele, meu deus do céu, estou esquecendo! Mas, se eu lembrar eu falo. Ele destacou bem. É um rapaz muito inteligente. Ficou na saúde pública e depois ficou no Ministério... Ministério da Saúde. Trabalhar até junto com Pinote... era uma coisa assim. E foi muito bom. Ele começou lá, nessa turminha do Pedro II. E assim vários. Varias pessoas começaram a fazer o curso motivado por ele.

**Marco: Quando o senhor teve ideia de organizar o curso, o papanicolau já era feito assim em larga escala? Como era a relação com a coposcópia? Já prevalecia o papanicolau?**

**Mario:** Era feito. Era feito, mas não em larga escala.

**Marco: Até por falta de quem lesse lamina?**

**Mario:** Exatamente. Falta de quem desse o diagnostico.

**Marco: E o senhor teve... o senhor teve apoio? Teve infra-estrutura para organizar o curso? Como foi a sua batalha para organizar o curso?**

**Mario:** A minha batalha foi didática, de auto-didática. Daquilo que você conhece e começa a querer transmitir para os outros. Depois vieram os especialistas, claro! O INCA tinha os especialistas em pedagogia, não sei o que... estrela, etc. lá foi a coisa, mas o principio foi... foi um auto-didatismo que... que eu levei frente.

**Marco: Facilidade material, microscópio, salas?**

**Mario:** Sempre dificuldade. Sempre se arrumando carro velho, né. Objetiva de um. Ocular de outro. E aí vai.

**Marco:** E esse curso ficou quanto tempo nas Pioneiras?

**Mario:** Nas Pioneiras? Depois que passou para o INCA, né. Fui isso... começo disso foi... da época da... como posso dizer isso? Mas, ele evoluiu bem depois passou. Foi absorvido pelo... pelo INCA.

**Marco:** Ele esteve na 13 de maio? Lá no PAM da 13 de maio?

**Mario:** Teve. Participou... por que eu era chefe do laboratório no PAM 13 de maio. Laboratório de patologia clínica. E a citologia era paralela lá. Então eu fazia o duble. As duas coisas.

**Marco:** Então o curso lá foi em paralelo com as Pioneiras?

**Mario:** O curso a onde? Na 13 de maio?

**Marco:** Na 13 de maio.

**Mario:** Foi.

**Marco:** Ele não se transferiu?

**Mario:** Não. Pioneira não. Pioneira praticamente não existia quase mais naquela época.

**Marco:** Ah então, ele se transferiu?

**Mario:** Vai passando, é. Já estava passando para o INCA. Tanto que eu sou funcionário do INCA, né.

**Marco:** Então o curso de transferiu das Pioneiras para o PAM 13 de maio. É isso?

**Mario:** Das Pioneiras para o PAM 13 de maio. Daí então galgou para outros... outros... voos, vamos dizer assim. Entendeu, lá para o INCA...

**Marco:** Venezuela, né?

**Mario:** Venezuela, e aí foi ??? de trabalho com vencimento. Foi o pessoal do... do... como é que chama? Do... do... agora não me lembro o nome dele. O superintendente do INPS... Nildo Aguiar, morreu a pouco tempo. Era muito amigo meu. Então ele confiava muito em mim e funcio... tinha muita verba do INSS, do INAMPS na época... para... para o PAM 13 de maio com verba designada para o laboratório de tipologia

que começava a receber material de outros lugares, e por aí vai. Depois então passou a ser... universalizar a coisa. Eu batalhava naquela época muito pela a informática, diga-se de passagem, o INCA nunca deu muita bola. Começou tarde de mais. Perdeu uns 10 anos de informática. 10 não, uns 5 anos... de informática. Eu queria no começo jogar a informática nesse negocio e tive dificuldade. Técnico... eu... eu não era especialista, mas tive dificuldade. Mas, conseguimos. Depois então eles gostaram. Tá legal, provaram o doce... gostaram. Aí desenvolveram a coisa. Hoje em dia, quer dizer, o PITEC, o CITEC é uma beleza, né. É uma potencia. Você conhece?

**Marco: Conheço.**

**Mario:** Já estive lá?

**Marco: O senhor esteve presente recentemente, há um ano, na reinauguração?**

**Mario:** Foi.

**Marco: Do curso, não foi?**

**Mario:** Foi. Tive lá de novo. É mais ou menos o que era, só um pouco mais sofisticado, e tal. Gente mais treinada.

**Marco: Mais facilidade.**

**Mario:** Aquele pessoal todo que está ali fez o curso no próprio PITEC. É no próprio... no próprio local, né. Então ficou muito bem adaptado. Gente que eu conheci garotinha... já está cheia de filho, e por aí vai.

**Luiz Antonio: Doutor, como era a relação das sociedades? Sociedade de Citologia com essas escolas?**

**Mario:** Ih, rapaz! Só faltaram atirar com calibre 12.

**(RISOS)**

**Mario:** É chumbo grosso! Caíram em cima de mim, queriam me comer vivo. Mas é besteira, eu dizia a eles. Bobagem. Vocês estão brigando a toa. Deixa esse troço evoluir que é bom pra você, bom pro laboratório de vocês. Que o problema dele era o laboratório. A particular, né. Quer dizer, a clínica particular, que era o principal problema deles. Deixa, poxa! Quanto mais tiver, melhor, e você pode usar esse pessoal pra você. Você mesmo usar essa gente. O que aconteceu. Hoje em dia todos os laboratórios de citologia trabalham com citotécnico. Todos eles. Então, era uma



vantagem pra ele, mas até entender isso foi uma dificuldade. Quiseram até... até cortar meu pescoço.

**(RISOS)**

**Mario:** Ai meu Deus do céu!

**Paula:** O senhor nesses primeiros cursos... o senhor se lembra a organização do cursos, disciplinas, e...

**Mario:** É, disciplinas foram divididas por nós mesmo, que dizer, o grupo de lá, né, do médico.

**Paula:** Quem era esse...

**Mario:** João Carmo e outros que trabalhavam lá. Dividido por ele. Discutido se valia a pena fazer assim ou assado. Dá primeiro a teoria no quadro negro, depois passar pra... pra pratica. Teve dificuldade na pratica. E, monitores pra controlar o povo que está olhando, entendeu? Projeção, o aparelho de projeção pra discutir os caso e etc. Soou muito bonito o negocio. Depois! Até lá foi um suor só.

**Marco:** Difícil?

**Mario:** Oh!

**Paula:** E...

**Mario:** Aí... aí...

**Paula:** Pode falar.

**Mario:** Não. Aí acabou tudo!

**(RISOS)**

**Paula:** O senhor podia falar um pouco mais sobre as pioneiras sociais e de que forma... desculpa, me enrolei! Me enrolei aqui!

**Mario:** Tá mais enrolada que eu.

**(RISOS)**

**Paula:** E no final dos anos 60 e inicio dos anos 70... sobre as campanhas e a... o controle e prevenção do câncer de colo do útero... e o papel do citotécnico nisso? Como que o citotécnico, depois de formado, se ele era absorvido pelo mercado...

**pele setor público, né, pela saúde pública ou se também ele era absorvido pelo setor privado? O senhor se lembra disso?**

**Mario:** Ele é mais absorvido pelo setor privado, porque setor público nunca deu muita bola não. Sempre aquele problema... ressentimento de ter uma... né, de ter um inimigo fazendo o mercado contra você. Então, sempre aconteceu... tinha sempre um ponto. Agora, o setor público nunca se interessou... muito. Quer dizer, aí depois começou uma onda e tal. Aquelas ondas! Aí, campanhas e outros bichos mais. E o problema pior não é esse. O problema pior é você controlar esse pessoal. Por que... você vê... você trabalhar num setor, você dar um diagnóstico perigoso. Diagnóstico suspeito é perigoso. O que que você faz com esse... com essa pessoa? Ela tem que ser examinada... a história das Pioneiras 3, né. Então, quem vai controlar esse pessoal? Aonde? Que época? Quando? Que espaço de tempo você tem que dá? Evolução das coisas. Onde você vai tratar? Você pega um caso grave eu tem que ser operado, então você tem que caminhar, se não vai deixar a pessoa sentada no banquinho lá, por que tem um ??? Tem que mandar para algum lugar. Então tem que controlar esse lugar pra receber. Foi assim, as Pioneiras foi assim. Lá do INCA, né. Ficou uma unidade especializada em ginecologia né. Ainda é né? Conceitos.

**Marco: O HC3 agora é só câncer de mama.**

**Mario:** Só de mama?

**Marco: Câncer ginecológico...**

**Mario:** Largaram... largaram o outro... jogaram o outro na lata de lixo.

**Marco: Não... não... não... ele estava naquele hospital que era do INAMPS atrás da rodoviária. Câncer ginecológico é ali. Vale a pena o senhor conhecer. Ele está todo reformado, está muito bonito.**

**Mario:** Não é o hospital de oncologia antigo?

**Marco: É. O antigo hospital de oncologia que agora é do INCA. Se chama HC2.**

**Mario:** Mais um. Mais essa eu não sabia.

**Marco: É. E está reformado. Ta muito bonito.**

**Mario:** É.

**Marco: O câncer ginecológico e no útero está ali agora.**

**Mario:** Ah bom!

?????

**Marco: O seu trabalho não foi em vão.**

**Luiz Antonio: Doutor no início o senhor falou que o Campos da Paes, o senhor falou que ele era gogo. Por quê?**

**Mario:** Fui demais... foi pô. Não sou eu que estou dizendo de ????. Mas ele sempre foi. Não... não sou eu que estou dizendo. Ele na época conhecido. Eles ficaram... eram dois né. Era ele e o primo da Sara. No negocio de ortopedia, Sara, lá em Brasília. Começou lá, ele e o primo dele. Que é esse. O primo da irmã Amparasati, vulgo Sara. Ele ficou com o câncer de colo uterino e perdeu, né. Não foi a frente. Tanto fez, tanto fez que... dispensarão ele desse parte ????. Tão teve muita vantagem, muita bobagem. Tecnicamente não, mas administrativamente era... era meio fraco nessa parte. Por que tem muito... vangloriava demais da... da capacidade dele. Então começava a extrapolar a coisa. Eu acho, não sei. Essa é minha opinião. Posso estar errado. Não quero que os descendentes dele me acionem na justiça. Mas, ele era sim.

**Letícia: Tinha relações políticas?**

**Mario:** Problemas de... de consultório dele, etc. ele tinha problema político.

**Luiz Antonio: Doutor me responde uma coisa a um leigo. Hoje é normal para as mulheres irem aos consultórios e fazer os seus exames papanicolau.**

**Mario:** Sim.

**Luiz Antonio: Quando isso começou no mundo dos consultórios? No mundo privado das mulheres e seus médicos? Aquire mais moda.**

**Mario:** É, isso começou com o americano né, com o próprio Jorge Papanicolau que procurando uma coisa e encontrou outra, né. E ele começou a tocar trombeta nesse negocio. A tocar pra frente. Que ele descobriu, né, descobriu uma coisa. Então quando você descobre você aproveita o máximo que você pode. E ele começou assim. Depois passaram... passou para o Canadá para um canadense que fez uma campanha enorme, 500.000 mulheres, uma coisa assim, que era o projeto de a mulher ir no consultório do medico, e o medico colher material e mandar pra ele. Então ele formou uma... uma unidade gigantesca. Não deu tanto resultado assim por que exatamente você chega a um ponto que começa a estrangular. Quer dizer, tem colo de útero demais, mulher demais, câncer demais, e o que quê você vai fazer com isso tudo? Se tem que controlar isso muito bem. Se não você acaba dando com a cara no chão.

**Luiz Antonio: E no Brasil?**

**Mario:** Em?

**Luiz Antonio: E no Brasil isso chega...**

**Mario:** Não, o Brasil nunca foi adiante disso não. Então era regionalmente. Quer dizer, o INCA. No caso tem aquele baiano, como é nome dele?

**Luiz Antonio: Aristides Mota.**

**Mario:** ?? Prudente em São Paulo. Tem outro na Bahia também. Trabalha muito bem.

**Marco: Quando... quando isso se popularizou? Quando ficou uma coisa natural das mulheres procurarem o papanicolau.**

**Mario:** Ah, mas isso foi mais a mídia, né, a imprensa que vinculando esse problema do exame, de fazer o exame... levou isso pra frente. Agora precisou... precisou uma retaguarda pra segurar isso, né, por que a mulher chegava no medico: Doutor, o senhor não vai fazer o exame em mim não? Eu ouvi muitas queixas desse tipo.

**Marco: Então, o senhor diz isso foi muito mais uma iniciativa das pacientes do que dos médicos?**

**Mario:** Sim.

**Marco: A paciente informada pela mídia ia lá e cobrava.**

**Mario:** Informada pela mídia ia lá e cobrava. Começou a cobrar. E aí começou o camarada começou a ficar né, pisar... pisar em ovos. Tem que mandar pra alguém. Então eu vou mandar... aí começa. Começou a coisa. E aí desenvolveu mais. A não ser esses programas tipo... programa publico... INCA e outros do próprio município, etc. Esses programas é que realmente evoluíram. O resto é o resto. O resto é o resto. Os anos se passaram, as coisas evoluíram. No momento, acho eu, quer dizer pelo que tenho visto, lido e etc... até recebo pouca coisa do INCA. Não recebo muita coisa não... sobre informação desse tipo. Tenho ainda alguns citotécnico que telefonam perguntando se estou vivo. Que é uma coisa difícil. E aí a gente bate papo, pergunto e tal, mas não tenho assim informação muito... muito certa não. Diga.

**Marco: O senhor dirigiu essa escola de formação até quando? Foi Pioneiras, 13 de maio, Venezuela, até quando o senhor levou isso?**

**Mario:** Foi quando... em no próprio INCA né. Foi no próprio INCA? Foi. Eu não me recordo agora muito bem não a época e o que quê aconteceu, por que, quais foram os

movimentos... mas, tudo muito ligado ao INAMPS. Muito ligado ao INAMPS por que é quem fornecia a verba. O INCA não fornecia nada.

**Marco: Só os doentes.**

**Mario:** Agora o INAMPS não, esse fornecia e incentivava. Incluiu grandes amigos... o Nildo morreu, mas tem o outro, também gostava muito dele e ele fornecia material pra gente, verba, etc, consignado ao diretor do posto. Passava pra gente. Enfim, por aí.

**Marco: Então progressivamente o curso se estruturou bem?**

**Mario:** Estruturou. De inicio foi muito bom. Alias, foi bom por que ele continuou, né. A ideia em si continuou bem. Não a estrutura. A estrutura muda, né, agora a ideia permanece.

**Luiz Antonio: Sempre formando 15 pessoas por ano?**

**Mario:** Hem?

**Luiz Antonio: Sempre formando 15 alunos por ano?**

**Mario:** Estão formando agora?

**Luiz Antonio: 15...**

**Marco: Quantos citotécnicos era a turma?**

**Mario:** Ah, variava muito, pelo seguinte. Foi estabelecido uma... foi estabelecido um convenio coma as secretarias estaduais e municipais de saúde, não começou no norte e nordeste para justamente você chamar pessoal pra fazer o curso. Agora pra fazer... chamar o pessoal você tinha que alimentar e dormir, né. Então com se conseguiu... o INCA forneceu um hotelzinho. A turma ia pra lá. Durante 1 ano. Agora era um ano ferrado. Ferrado não, duro mesmo. Ano... negocio duro. E muita gente saiu. Foi pra o nordeste.

**Marco: Mas cada turma tinha em média quantos alunos?**

**Mario:** Uns 15 a 20. 20 em geral. Eu acho. Não me lembro com certeza não. A maioria... por aí. Por causa do problema dos microscópios. Quantos microscópios eu tenho? Se eu tenho 20, ponho 20 alunos. Se eu não tenho, não adianta né? Então eu ficava, tipo o dia inteiro. Recebia material. Fazia diagnostico. Depois era analisado, avaliado, enfim, por aí vai. Foi da ???

**Marco: Por que você deixou a direção do curso? por que você saiu?**

**Mario:** Por que fiquei velho. É, no fim, no fim é isso. A gente envelhece e não tem mais pique, né. Não tem mais toque pra fazer essas coisas. Não dá. Aí não dá mesmo.

**Marco: E quem lhe sucedeu?**

**Mario:** Não sei. Eu não sei. Vocês é quem sabe. Eu não.

**Marco: Mas, depois da sua saída, o senhor tem notícias de como o processo evoluiu. O senhor acha que foi bem?**

**Mario:** Foi. Tanto foi que está lá na... na Venezuela... na... cais do porto, ali não sei o nome. Ele está lá funcionando bem, com arquivos, com controles, com tudo. Depois que chegou à uma perfeição de informática, no sentido de você... você controlar doente. Quer dizer, marcar a próxima consulta. Se dava um diagnóstico "X", ela era marcada para tal... tal data. E era avisado. Quer dizer, era um serviço, vamos chamar assim, quase que perfeito. Que a doente se sentia valorizada por que recebia um aviso que teria que voltar lá pra receber o diagnóstico, fazer tratamento, etc. Então, foi muito bom.

**Marco: O senhor sabe que até hoje existem tensões, existem divergências entre os citotécnicos. E os profissionais de nível superiores, sobre tudo os médicos. E os citotécnicos lutam até hoje para serem uma profissão formalizada, reconhecida. Ainda não conseguiram. Como é que o senhor ver esse processo? Em algum momento o senhor participou disso?**

**Mario:** Eu briguei muito por isso nessa época. Por que acharam o seguinte: você tem que ter uma profissão. Entendeu? Tem exigências, vamos dizer assim, segundo grau, biologia, sei lá o quê. Entendeu? Mas, você tem que ter uma profissão. Está aí no Caderno Brasileiro de Profissões lá no Ministério do Trabalho. Você não pode ficar citotécnico. Citotécnico não tem. É um técnico. Técnico de quê né? Então eu lutei muito por isso. Quase consegui, mas não consegui não.

**Letícia: Quando?**

**Mario:** Tive que sair antes.

**Marco: Lembra quando foi esse quase?**

**Mario:** Ah, não. Tenho ideia não. Faz muito tempo. Faz muito tempo. Me lembro não.

**Marco: Mas até hoje eles estão no quase.**

**Mario:** Estão no quase. É, é difícil. Difícil realmente. Isso tem que vir através do próprio ministério. Numa evolução, vamos dizer assim, de política. Quer dizer, um grupo de deputados ou sei lá o que. Ou senadores juntos com eles pra fazer. Quais são os projetos? Enfim, alguma coisa que possa legalizar essa turma. Fazer... não é legalizar. Você fazer no sentido que ele tenha uma profissão. É um profissional. Então.

**Paula:** Há pouco o senhor mencionou a Escola de Formação de Citotécnicos de São Paulo, da Bahia. O senhor sabe se existia alguma diferença entre a formação aqui do Rio pra São Paulo, pra da Bahia?

**Mario:** Não, não tem. São Paulo andou muito bem no que eu tive notícia. Nos chegamos a ir até, pra formar um grupo, até o Ceará. Foi financiado lá pela... pelas Pioneiras um grupo pra ir lá no qual eu fui pra organizar lá um sistema. Caiu naquela história... os médicos.... quebra, a gente entra no meio, tenta conversar, etc, mas não vai. Chega um certo ponto que não vai. É encruado que não vai. Um dia eles vão conseguir.

**Paula:** Esse grupo que foi para o Ceará, era um grupo aqui só do Rio de Janeiro ou formado por gente de São Paulo também.

**Mario:** Só. Só daqui. Só daqui. Do grupo nosso lá... organizando lá uma meia dúzia, por que não podia ser muita coisa em fusão do curso, né. E fomos lá no Ceará muito bem recebidos. Entendeu? A chefe, medica lá era uma mulher belíssima. Era miss qualquer coisa lá, então eu fiquei muito entusiasmado...

**(RISADAS)**

Com o programa.

**Marco:** É compreensível.

**Mario:** Com o programa.

**Marco:** Claro! Claro!

**Mario:** Claro. Mas eu nem sei que fim levou a história. Nunca mais tive notícias. Nunca mais soube dele.

**Luiz Antonio:** E a medica você sabe? E a medica?

**Mario:** A medica também não.

**Paula:** E o senhor não tinha contato com os paulistas no MPOG?

**Mario:** Muito fraco. Os baianos também muitos fracos. Só em congresso, né. no congresso que a gente mantém um certo contato.

**Marco: O senhor tinha ideia do currículo? O modo como eles formavam os citotécnicos na Bahia, em São Paulo, era o mesmo? Era parecido com o que se fazia aqui?**

**Mario:** Era muito parecido. Não tenho ideia se eram iguais não. Eles se basearam muito no nosso por que tivemos um certo êxito, né? Depois devido ao INCA que era uma potência. Então eles ficaram mais ou menos nessa base. Mas ele não me quer vivo. De jeito nenhum. Deixa ela. Mas diga.

**Paula: eh... eh...**

**Mario:** Num congresso a gente discutia muito isso, mas...

**Paula: Eram congressos de medicina, da Sociedade Brasileira de Citologia?**

**Mario:** É, em geral congresso de citologia. Em geral. A gente discutia muito bio... velhos amigos que tinham ido pra lá, etc. E por aí vai.

**Paula: Por exemplo, vocês conseguiam nesses congressos citologia existia uma mesa redonda sobre a citotecnologia? Vocês conseguiam organizar?**

**Mario:** Discutia... discutia... discutia os programas, os processos, etc. As vantagens e desvantagem. Enfim, por aí.

**Paula: E aí com o avanço das novas tecnologias, da microscopia né, dos microscópios, de que forma isso mudou a formação do citotécnico e como que isso era absorvido dentro desses congressos?**

**Mario:** Não sei te dizer filha, mas eu acho que está indo bem, que dizer, não evoluiu assim entendeu, mas tá indo bem. Vem ??? a consciência do medico em geral em relação citotécnico. Muito medico que eu conheço que tem citotécnico trabalhando pra ele, né. Manda material para esse citotécnico e controla paciente. Enfim, eu acho que funcionou bem. Embora ela não evoluiu por que isso não tem realmente condições de evoluir. Medicina nunca evoluiu muito bem não. Ela sempre vai, vai, vai e para, né? É o Emanuel de Abreu: E, agora não tem mais problema! Radiografia... Emanuel de Abreu. Cadê Emanuel de Abreu? A turma nem ouve, nem sabe quem é.

**Luiz Antonio: Nem eu ia saber quem era Emanuel de Abreu. No meu tempo todo mundo tinha uma carteirinha assim.**



**Marco:** Hoje só sabe quem é Emanuel de Abreu quem mora perto do Maracanã por que tem a Rua Emanuel de Abreu.

**Luiz Antonio:** Doutor o senhor conheceu essa... esses personagens mais da... que ficaram famosos nesse mundo da prevenção do câncer de colo? Por exemplo o Riper?

**Mario:** Riper?

**Luiz Antonio:** É.

**Mario:** Conheci.

**Luiz Antonio:** Ele era um entusiasta da coposcopia. Sabia muito sobre coposcopia.

**Mario:** Coposcopia, ele era muito bom em coposcopia.

**Luiz Antonio:** E da sociedade ligada em citologia? Quem era a...

**Mario:** Nem sempre mudava. Eram os mesmos colegas, por incrível que pareça eu fio presidente. Fui presidente da sociedade. Conta pra ninguém não! Entendeu, até isso aconteceu. Então mudava entendeu? Pra um, pra outro, pra outro, pra outro. Uma hora era um. Outra hora era outro.

**Luiz Antonio:** Boa tarde!

**Paula:** Boa tarde!

**Marco:** O senhor foi presidente em que época? Em que década assim?

**Mario:** Não me pergunta época, nem data, nem nada disso, por que eu to fora.

**Marco:** Mesmo... mesmo o senhor como presidente da sociedade, o senhor não conseguiu ajudar os citotécnicos?

**Mario:** Não, mas era pequenina. A sociedade era meia dúzia de gato pingado, não tinha ninguém quase. Não.

**Marco:** Não tinha força?

**Mario:** Não. Nenhum. Nada. Só ali no colega e tal. Olha, agora você vai ser presidente agora hem.

**Luiz Antonio:** Igual condomínio?

**(RISADAS)**

**Mario:** Sim.

**(PAUSA)**

**Mario:** Esgotei o assunto?

**(RISADAS)**

**Paula:** Não.

**Marco:** Vamos ver.

**Mario:** Falei demais.

**Marco:** Não vamos nos precipitar. Que mais?

**Paula:** O senhor lembra de... de reformulações no currículo do curso de formação de citotécnicos ou de algum tipo de padronização dos currículos, das disciplinas?

**Mario:** É, muita modificação em função da própria época, das condições financeiras. Se você tem condição financeira você pode mudar muita coisa. Se não tem, tchau. Não tem, não pode fazer mais nada né. Então, tem que ter microscópio, se tem que ter equipamento mais sofisticado pra treinar ele, e por aí. Se você não tem, não adianta você reformular muita coisa. Fica no seu padrão. Faz o seu citotécnico honesto, direitinho, bom, e fica aí mesmo. Não tenta voar muito alto não, por que... essa é a minha posição, posso estar errado! Você precisa de muita base para fazer essa estrutura. Não pode fazer, vamos ver assim... um programa mundial, né. Essas coisas que num... não tem sentido. Depois eu nem sei se isso funciona mesmo. Era muito discutido o problema do papanicolau, do controle na época. Se vale apenas fazer o não.

**Marco:** A qualidade do exame?

**Mario:** Não. Não é a qualidade não. Ó fazer o exame. Entendeu? Era muito discutido. O inglês discutia muito. Ele achava que não é... coposcopia e olho... fim de papo. Negócio de papanicolau é conversa. Então, o que quê você vai dizer? Vai discutir? Não vai né. Eles têm as estatísticas deles, etc. Acha que é preferível. Agora vem... vem o problema dos elementos que estão fornecendo o... fornecendo o... e... vamos dizer assim, fornecendo um movimento de... puxa... peraí, peraí, peraí, dá uma parada aí.

**Marco:** Não tem problema, depois a gente corta.

**Mario:** Depois a gente corte, é! Só tem essa... essa boa...

**Marco:** Vantagem.

**Mario:** O problema da... dos microorganismos que são...

**Marco: Do HPV?**

**Mario:** HPV, que estão agora em evolução no sentido é ele, agora já estão podendo fazer vacina. Ficou ótimo. Nasceu mulher, dá vacina, não vai ter mais câncer de colo. Adeus citotécnico. Vão morrer tudo de fome. Né?

**(RISADAS)**

**Marco: O senhor acha que corre esse risco?**

**Mario:** É, se você tem uma vacina... acabou! Não tem mais nada o que fazer, né? Mas isso é conversa não tem vacina nenhuma que vá resolver isso. Tem que ser controle mesmo, observação, controle, cuidado. É por aí que vai.

**Marco: O senhor como retaguarda laboratorial chegou a participar de alguma campanha?**

**Mario:** Muitas.

**Marco: De prevenção?**

**Mario:** Muitas.

**Marco: Conta pra gente um pouco.**

**Mario:** Ah não tem. Não tem... Campanha é campanha né. Do tipo da coisa que começa... é incendiária, etc, depois vai diminuindo.... acaba. Pum, acaba. De repente olha, não tem mais campanha. Acabou. Acabou o dinheiro da campanha. Aí “**danosse**”. Então é sempre assim. Fora que eu participei de varias campanhas. Nada muito proveitoso não.

**Marco: Se não tem sequência não adianta?**

**Mario:** É, não adianta. Esse do PITEC não. Esse aí realmente funcionou, tá bem, tá funcionando direitinho. Tem controle. Já tem comunicação. Entendeu? Bem controlado, bem evoluído no sentido de diagnostico, do controle da paciente, etc. Isso aí sim. Agora fora isso é mais roubo, né. Campanha, vamos fazer campanha contra verruga! E por aí vai, entendeu? Essas coisas que inflama o povo e tal, mas não...

**Marco: Em São Paulo a OPAS, a Organização Panamericana de Saúde, apoio algumas campanhas, inclusive importante em Campinas. Aqui no Rio houve alguma com esse tipo de apoio que o senhor tenha participado?**

**Mario:** Não. Da OPAS?

**Marco:** Do governo né.

**Mario:** Hem?

**Marco:** As campanhas aqui eram do governo do estado, governo do município?

**Mario:** É, em geral do governo do estado, município. Era a linha ENAMPS né. ENAMPS é que sempre foi o... o pagador. Olha a aguinha!

**Marco:** Maravilha.

**Mario:** Aguinha para os pobres.

**(PAUSA)**

**Luiz Antonio:** Obrigada.

**Marco:** Obrigada.

**Paula:** Obrigada.

**Marco:** O senhor que está falando é que precisava beber né.

**???:** Vou deixar aqui, tá?

**Marco:** Humrum.

**Paula:** Obrigada.

**Luiz Antonio:** Doutor conta alguma coisa pitoresca de sua fase profissional ou curiosa.

**Mario:** É meio difícil né, eu passei por tanta coisa. A gente acaba esquecendo realmente. É muita coisa engraçada que aconteceu. Já que caiu no tempo é difícil de lembrar. Mas valeu a pena. Até agora eu acho que valeu.

**Letícia:** O senhor mencionou esse debate aí entre coposcopia, a utilização da coposcopia ou do papanicolau, como é que se deu isso no Brasil? Teve muita...

**Mario:** Como é que o quê?

**Letícia:** Como é que se deu isso aqui no Brasil?

**Mario:** Essa batalha?

**Marco:** Essa polemica.

**Letícia:** *É, essa polemica? O que quê o senhor acha assim?*

**Mario:** Não, não houve. É igual à de Itararé. Você conhece a história da batalha de Itararé?

**Letícia:** Não.

**Mario:** A revolução. Ele... ele sabe. É batalha que nunca aconteceu. Batalha de Itararé. A mesma coisa, não houve batalha nenhuma. Cada um puxava a brava pra a sua sardinha. Achava de que era um grande coposcopista e que com ele não tinha papo. Ele resolvia tudo. Já o citologista chegava e conversa... você não está vendo nada! E aí vai. Ficou nisso, acho que não houve guerra assim...

**Luiz Antonio:** Declarada.

**Mario:** Declarada entre médico.

**Marco:** *E o senhor, pela sua ligação em laboratório se aproximou da questão da citologia e do papanicolau. Mas como é que um belo dia o senhor acordou e falou assim: eu preciso formar técnicos para lerem isso. Como é que foi isso? Foi uma revelação?*

**Mario:** Não. Eu não tive revelações.

**Marco:** *Teve necessidades!*

**Mario:** Não, por que sempre se fala que é preciso você fazer uma campanha ou alguma coisa em torno do câncer do colo uterino. Mas como você pode fazer? Pra fazer isso só tem duas maneiras: Coposcopia não adianta. Que era meia dúzia de coposcopia no Brasil inteiro que faziam isso. Tem que fazer citologia. Citologia como, se você só tem 20 ou 30 médicos que fazem. Você precisa de 6.000, 7.000 médicos pra fazer isso. Então, você tem que partir para o técnico. Que alias, agora tudo está partindo para o técnico.

**Marco:** *Aí o senhor partiu. Alguém mais partiu? O senhor teve apoio nessa ideia? Foi uma coisa muito pessoal?*

**Mario:** Não, foi mais pessoal. Apoio... apoio tive dos amigos. É tal história, pessoal amigo e tal, conhecido, me apoiava e tal, mas...

**Letícia:** *Quem eram? Quem eram essas pessoas?*

**Mario:** Não era assim uma coisa muito exuberante não. Foi mais de amigos mesmo.

**Marco: Quem eram essas pessoas? O senhor lembra?**

**Mario:** É lembro, Leon Cadman, ainda está vivo. Tem outros é... Roberto Silveira, que também está vivo. Recience Baiano, enfim, vários outros. Muita gente boa me dava apoio. Apoio até um certo ponto né, quer dizer, não tem condições de criar uma revolta, uma revolução da coisa não. Tem que ir devagarzinho e tal, tchu tchu tchu, no pé do ouvido de um, no ouvido de outro até conseguir. Como a gente faz com mulher né.

**(RISADAS)**

Até que um dia ela diz OK.

**Marco: Pessoas importantes nessa trajetória que ainda estejam vivas. Quem é que o senhor sugere que a gente vá ouvir a seguir?**

**Mario:** Ah, não sei. Sinceramente não sei. Tem o pessoal lá no INCA, aquele pessoal lá do CITEC. Tem médicos lá ainda. Trabalham lá. São muitos bons. Podia pegar um deles, não é? E descascar. A mesma coisa se vocês estão fazendo comigo. Senta o bicho aí e tome pau.

**Marco: Mas o senhor lembra algum nome pra citar, não né?**

**Mario:** Não. Não lembro. Tem que passar lá no PITEC, no CITEC e conversar com os médicos de lá. Teve um pessoal que já saiu. Eram médicas. Eram muito boas. Eram as chefes de grupo né. Depois do citotécnico os exames que eram suspeitos passavam pra ela. Pra ela definir né. Tem gente muito boa lá. É só ir lá, conversar as duas.

**Paula: O senhor tem algum documento quando foi essa ação que o senhor acha que pode ajudar no projeto? Pode nos ajudar nesse processo de resgate da memória e da história do citec?**

**Mario:** Não, eu quase não tenho nada por que é tudo papel né. Papel...

**Letícia: É papel mesmo.**

**Mario:** Você guarda um certo tempo, fica amarelo, aí você ô...plum, joga fora. Ainda mais o meu, fica super amarelo. Então não tem assim nada que possa mostrar assim objetivamente.

**Marco: Fotos?**

**Mario:** Fotos... não tem não. Infelizmente não tenho.

**Paula:** Um currículo. Currículos, ou do curso, ou um currículo do senhor?

**Mario:** O meu... muito grande, muito velho. Formado em 1950, imagina você!! Nem existe mais. É dinossauro.

**Marco:** Algum documento do curso o senhor tem?

**Mario:** Olha, só verificando eu não sei. Só procurando em minhas tralhas velhas, etc. Se eu achar alguma eu aviso a vocês. Vocês me deixam o endereço e eu ligo pra vocês. Se tiver, não sei. Deu?

**Marco:** Encerramos.

**Mario:** Deu pra meia hora de sessão?

**Marco:** Não, mais. Mais que isso. Uma hora.

**Mario:** Uma hora?

**Marco:** Doutor Mario, muito obrigado.

**Mario:** Agora vocês vão cortar?

**Marco:** Vai, vai ficar bonitinho.

**Paula:** Pode ficar tranquilo.

**Marco:** As brincadeiras vão sair. Muito obrigada.

**Mario:** Nada, eu é que agradeço.

**Fim da entrevista**

---